

1

Introdução

“Se mudou para o Leblon? Que ótimo! Onde vocês estão morando? Na Cruzada?”. Esta foi a primeira vez em que ouvi falar sobre a Cruzada São Sebastião, quando minha mãe comentou sobre a reação de uma colega sua de trabalho ao mencionar nossa mudança para aquele bairro. O ano era 1996 e havíamos saído recentemente de Ipanema, onde morávamos em um prédio bastante próximo ao complexo de favelas Pavão-Pavãozinho/Cantagalo¹, para um edifício no final da Avenida Borges de Medeiros, no Leblon. Endereço, também, da Cruzada São Sebastião.

Mas por que morar no final da Avenida Borges de Medeiros significaria automaticamente que residiríamos naquele lugar, para mim desconhecido, chamado Cruzada? Não demorei muito a fazer associações, pois por vezes ouvi, quando dizia morar em Ipanema, semelhante determinismo geográfico: “Ah, sim, em Ipanema. No Cantagalo? No Pavão?”. Então, próximo à minha nova residência, devia haver uma favela de nome Cruzada, pensei. Explico melhor: com 16 anos, já estava acostumada a identificar o tipo de questionamento embutido nessas perguntas: “como pode uma família de negros morar na Zona Sul sem ser em uma favela?”. Algo estaria *fora da ordem*.

Estranhei quando, enfim, vi de perto a Cruzada São Sebastião, ou simplesmente Cruzada, como é conhecida popularmente. Não me pareceu uma favela, ao menos não se assemelhava àquela que avistei por anos da janela de casa ou, como moradora do Rio de Janeiro, via constantemente nos noticiários. Contudo, sobre ela, recebi recomendações dos porteiros do novo prédio e também dos vizinhos, invariavelmente no sentido de que evitasse ou tomasse cuidado ao passar pelo Jardim de Alah, na Borges de Medeiros.

Ao comentar com amigos o que até então era apenas um pré-projeto de dissertação de mestrado, em fins de 2008, a cena pareceu se repetir. Enquanto uns

¹ Complexo de favelas localizado entre os bairros de Ipanema, Copacabana e Lagoa Rodrigo de Freitas, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

se mostraram preocupados, recomendando que ficasse atenta aos perigos da pesquisa naquele lugar, outros contaram, em tom de relato de aventura, já terem caminhado pela rua que atravessa o conjunto habitacional, em geral por engano. “Quando vi que parecia uma favela, voltei”, disse-me uma colega.

Essa curiosidade em torno da Cruzada se manteve, levando-me à formulação de um primeiro projeto de pesquisa, em setembro de 2009. Naquele momento, meu objetivo era o de estudar a relação entre a Cruzada São Sebastião e o Leblon por meio de dois espaços públicos: a praça Paul Claudel, situada no Jardim de Alah, em frente ao conjunto habitacional; e a escola municipal Santos Anjos, localizada dentro do conjunto. Tanto a praça quanto a escola foram escolhidos para o estudo sob a hipótese de que seriam lugares onde a fronteira urbana entre a Cruzada e o Leblon poderia se expressar.

Enquanto na praça foi realizada uma observação a fim de mapear seus modos de uso pelos frequentadores, na escola a ideia era fazer entrevistas semi-estruturadas junto ao corpo docente, privilegiando professoras com mais tempo e com menos tempo de trabalho na Santos Anjos e também a direção. No entanto, completada a etapa da pesquisa de campo na praça, que teve duração de três meses, os resultados não se mostraram promissores. Na escola, todavia, a pesquisa, apesar da demora enfrentada durante os trâmites burocráticos para sua aprovação, transcorreu bem.

Sendo assim, decidiu-se por excluir a praça e uma nova estratégia metodológica foi estruturada, dando origem à presente dissertação. Com o objetivo de abordar o tema da segregação urbana, este estudo centrou-se na análise da relação entre a Cruzada São Sebastião, conjunto habitacional popular criado há mais de 50 anos para abrigar famílias remanescentes de favelas, e o bairro onde este se localiza, o Leblon, um dos mais valorizados comercial e simbolicamente do Rio de Janeiro, moradia de classes abastadas.

Para tal, a metodologia adotada, de viés qualitativo, concentrou-se em cinco fontes de pesquisa tomadas como “intérpretes” da relação entre o conjunto e o bairro. Baseei-me em entrevistas semi-estruturadas com um antigo morador do conjunto habitacional; com o presidente da Associação de Moradores da Cruzada São Sebastião (Amorabase) aquele momento; com um corretor imobiliário especializado no Leblon e em bairros adjacentes; com as professoras e a direção

da escola municipal Santos Anjos; bem como em uma análise de material de imprensa, que agrupou 21 matérias de jornal e sites a respeito da Cruzada entre os anos de 1970 e os anos 2000.

Ao reuni-los como intérpretes, busquei apresentar suas perspectivas, demarcadas por seus lugares de fala específicos, de “dentro” e “de fora” do conjunto, no sentido de que pudessem fornecer modos particulares – e talvez conflitantes - de leitura da relação entre a Cruzada e o Leblon. Trabalhei com a hipótese de que há entre a Cruzada e o bairro conflitos e tensões decorrentes de uma fronteira urbana estabelecida, reanimada e reavivada ao longo de mais de meio século, por meio da força dos estereótipos e do estigma territorial relegados a aquele conjunto habitacional. Esta pesquisa também partiu do suposto de que a Cruzada, lugar peculiar, não sendo formalmente uma favela, ao mesmo tempo em que não é condomínio residencial aos moldes de seus vizinhos, agregue em torno de si uma espécie de conflito ou disputa com relação à terminologia adotada para referir-se a ela. Porém, especula-se que, apesar disso, sua representação esteja atrelada à ideia de favela.

Na página seguinte, apresentaremos ao leitor a disposição espacial da Cruzada São Sebastião² e da fronteira física com o Leblon.

² Dado importante: ao procurarmos pela Cruzada no Google Maps, ferramenta do Google que produz mapas de vários lugares no mundo, não encontramos, mesmo após algumas tentativas, nenhum que trouxesse referência direta ao conjunto habitacional. Há apenas menções a seus vizinhos, destacados pelos nomes no mapa, como o Shopping Leblon e o Clube Monte Líbano, entre outros. Ou seja, a Cruzada oficialmente não está no mapa digital do bairro e da cidade.



Figura 1. Mapa Cruzada/ Leblon – fonte: Google Maps.

Nota-se em destaque, na cor vermelha³, os dez prédios da Cruzada, situados entre as Avenidas Borges de Medeiros e Afrânio de Melo Franco no Jardim de Alah, onde há um canal que divide os bairros do Leblon, a oeste, e Ipanema, a leste, e que aflui da Lagoa Rodrigo de Freitas em direção ao mar. Assinalados pelos números no mapa, é possível visualizar os empreendimentos e instituições que fazem vizinhança com a Cruzada: o Shopping Leblon, na Avenida Afrânio de Melo Franco, correspondente ao número 1; e quase em frente a ele, com o número 2, a 14ª Delegacia de Polícia. Já na Avenida Borges de Medeiros estão os clubes desportivos Monte Líbano, com o número 3; e a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), com o número 4. Além destes, o conjunto também é vizinho do clube Paissandu, que equivale ao número 5 no mapa.

³ Os grifos em vermelho e a sinalização foram feitos por mim.

A escolha do termo “fronteira urbana” para título do trabalho parte do princípio de que este pode remeter à imagem de maleabilidade, de flexibilidade. Uma fronteira urbana pode ser viva, como pode ser morta; passível de ser enrijecida ou atenuada a depender de uma série de fatores, interesses, situações, olhares e perspectivas.

A experiência da vida em metrópoles, junto a uma multidão de estranhos, é também, de certo modo, aprender a construir fronteiras. Simmel (1979), no clássico “A metrópole e a vida mental” publicado em 1902, observa as variadas mudanças enfrentadas pelo homem na adequação à vida urbana, em contraste com a vida em pequenos círculos. A exposição a estímulos plurais, e a incapacidade de lidar com eles adequadamente, assim como os múltiplos contatos estabelecidos com desconhecidos levaram os indivíduos a desenvolver estratégias de distanciamento uns dos outros e também, de outro lado, a desenvolver processos de individualização. Nesse sentido, a “atitude blasé” e a “reserva”, como chama o autor, constituem táticas de defesa em face da cidade caleidoscópica, revelando a impessoalidade e a antipatia como marcas das relações metropolitanas. Isso porque “se houvesse, em resposta aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto às da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra (...), a pessoa ficaria completamente atomizada internamente (1979:17).

Ao mesmo tempo em que a “atitude blasé” e a “reserva” inserem nas relações tecidas na metrópole uma distância social, “uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas” (1979:17), conferem também liberdade ao homem urbano, que encontra na grande cidade um lugar propício para desenvolver sua singularidade. “O que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização.” (SIMMEL, 1979:18). É preciso observar que trabalharemos sob a perspectiva de que segregação urbana corresponde à distância social entre espaços na cidade, gerando o que Pierre Bourdieu (1997) chamou de “efeitos do lugar”, a partir da ideia de que os locais de moradia podem produzir preconceitos, estigmas, dificuldades de acesso aos direitos e aos bens da cidade (BURGOS, 2008a).



Figura 2. Os prédios da Cruzada São Sebastião em amarelo e ocre, entre o Clube Monte Líbano e os fundos do Shopping Leblon. Foto tirada da Lagoa Rodrigo de Freitas, do alto do Parque Lage, no bairro do Jardim Botânico. Foto: Ana Carolina Canegal.

Além desta breve introdução, o corpo do trabalho que se segue é formado por três capítulos. No capítulo 1, será apresentada uma resenha das bibliografias internacional e brasileira sobre segregação urbana. No capítulo 2, o leitor poderá acompanhar a história da Cruzada São Sebastião e de seus moradores, bem como os resultados das entrevistas realizadas junto a antigo morador; ao presidente da associação de moradores da Cruzada (Amorabase); ao corretor imobiliário; assim como a análise do material de imprensa. Veremos aqui, entre outros aspectos, que a Cruzada não é homogênea como costuma crer quem a olha de fora.

Já no capítulo 3, os resultados da pesquisa junto às professoras da escola Santos Anjos. Decidiu-se por separá-los devido à extensão do material coletado, e também pelo fato de que a percepção das docentes apresenta particularidades em relação aos demais intérpretes, como se verificará. E finalmente, as considerações finais.

É sabido, obviamente, que esta pesquisa poderia abarcar maior abrangência, incluindo, por exemplo, mais entrevistas com antigos e atuais moradores da Cruzada, do Leblon, com mais corretores imobiliários. No entanto, acredita-se que o experimento realizado é capaz de indicar algumas questões importantes sobre a dinâmica entre Cruzada São Sebastião e Leblon, objeto desta pesquisa, contribuindo para o debate sobre processos de segregação urbana.